

Da ecologia à ecoteologia. Uma visão panorâmica

From ecology to ecotology. A panoramic view

Afonso Murad

Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE

Resumo

O artigo visa a mostrar a interface e a comunicação entre a ecologia e a ecoteologia. Na introdução, apresenta o acesso ao tema da ecologia com a dobradiça de encantamento e consciência da crise atual. Na primeira parte, discorre sobre o conceito de ecologia e suas dimensões em alguns autores. Guattari apresenta as três ecologias (ambiental, mental e social), no horizonte da ecosofia e da ecologia profunda. Boff considera a ecologia com um saber de relações, interconexões, interdependências e intercâmbios, visando ao cuidado do nosso planeta. Guridi aborda a ecologia no tríplice viés: individual, social e ambiental, para almejar um novo estilo de vida. A segunda parte desenvolve o conceito, a finalidade, as características e o método da ecoteologia.

Abstract

The article aims to show the interface and the communication between ecology and ecoteology. In the introduction, it provides access to the theme of ecology with the hinge of enchantment and awareness of the current crisis. In the first part, it discusses the concept of ecology and its dimensions in some authors. Guattari presents the three ecologies (environmental, mental and social) in the horizon of ecosophy and deep ecology. Boff considers ecology with a knowledge of relationships, interconnections, interdependencies and exchanges, aiming at the care of our planet. Guridi approaches ecology in the triple bias: individual, social and environmental, to strive for a new way of life. The second part develops the concept, purpose, characteristics and method of ecoteology.

Palavras-chave

Ecoteologia.
Ecologia.
Ecosofia.
Guattari.
Boff.

Keywords

Eco-theology.
Ecology.
Ecosophy.
Guattari.
Boff.

Introdução: ecologia, encantamento e crise

Ecologia é um tema fascinante. Lentamente a humanidade descobriu que o meio ambiente não é uma questão secundária, pois diz respeito à qualidade de vida para nossa espécie e a toda a biosfera. Só temos essa grande Casa para habitar, e nela convive também uma enorme gama de seres. Embora cada vez mais a população se concentre na cidade, medra um desejo, por vezes melancólico, de cultivar uma sintonia com o solo, a água, o ar, o sol e a lua. Escutar o canto dos pássaros, caminhar na mata, sentar-se à sombra de uma árvore, sentir o frescor da manhã, banhar-se nas águas límpidas de uma cachoeira ou brincar em meio às ondas do mar. A emergência da ecologia traz à humanidade a oportunidade de se reencantar com o mundo, desenvolver a sensibilidade, aguçar os cinco sentidos e admirar a beleza do Planeta em que vivemos, e da qual não somos proprietários, mas inquilinos.

A consciência ecológica, que partiu da noção de meio ambiente, dilatou-se. Demo-nos conta de que fazemos parte do meio e nossas atitudes, bem como o modelo produzir e consumir os bens da Terra impactam sobre ele. Afirma o Papa Francisco na *Laudato Si*:

Quando falamos de meio ambiente, fazemos referência também a uma particular relação entre a natureza e a sociedade que a habita. Isto impede-nos de considerar a natureza como algo separado de nós ou como uma mera moldura da nossa vida. Estamos incluídos nela, somos parte dela e compenetramo-nos (LS 139).

A palavra “beleza”, com seu sinônimo “formosura” aparece 32 vezes na *Laudato Si*. Em vários trechos da encíclica, o Papa alude à beleza dos ecossistemas e de cada ser, a fim de nutrir em nós o encantamento, a admiração e o respeito. Ele toma Francisco de Assis como modelo de atitude diante do Planeta. Como o santo de Assis, é necessário nos aproximarmos da natureza e do meio ambiente com a abertura para a admiração e o encanto. Falemos a língua da fraternidade e da beleza na nossa relação com o mundo. Se nos sentirmos intimamente unidos a tudo o que existe, então brotarão, de modo espontâneo, a *sobriedade* e a *solicitude* (LS 11). E se isso não acontece?

“nossas atitudes serão as do dominador, do consumidor ou de um mero explorador dos recursos naturais, incapaz de pôr um limite aos seus interesses imediatos” (LS 11).

É comum que quando começamos a falar em ecologia, logo a relacionamos com a *crise ambiental*. Estranhamente, para muitas pessoas, a ecologia se apresenta inicialmente como um problema. Ora, a questão nuclear não é “o problema ecológico”, algo fora de nós, que vem da natureza, e sim a forma como a espécie humana lida com a comunidade de vida do planeta, a biosfera. Dito de forma simples: a crise ambiental é uma crise da humanidade e de suas escolhas. Precisamos dar o salto dos sintomas para suas causas.

O teólogo chileno Román Guridi aponta quatro grandes sintomas da crise ambiental: esgotamento de recursos renováveis e suas consequências para a humanidade; redução da biodiversidade e destruição de ecossistemas; aumento da poluição em diversas formas; risco de grandes desastres associados ao poder militar (energia nuclear, armas químicas e biológicas) (GURIDI, 2018, p.34). O Papa Francisco, no capítulo I da Encíclica *Laudato Si*, aponta como sinais eloquentes da atual situação do planeta, que não podem ser escondidos “debaixo do tapete: os resíduos sólidos e a cultura do descarte, as mudanças climáticas, a qualidade da água, a perda da biodiversidade, a deteriorização da qualidade de vida com a degradação ambiental, e a desigualdade planetária (LS 17-61).

Para o filósofo e ecologista espanhol Jorge Riechmann, “a atual crise ecológica resulta de desajustes na interação entre biosfera e tecnosfera (...) Os processos lineares que regem a tecnosfera industrial chocam violentamente contra os processos cíclicos que prevalecem na biosfera”. Estas absorvem cada vez mais matéria e energia e excretam resíduos a um ritmo insustentável (RIECHMANN, 2005, p.114).

O problema ecológico radica-se “em um modo de viver, um sistema de vida - marcado pela industrialização e a sociedade de consumo - que alterou os ecossistemas e o funcionamento natural da terra” (GURIDI, 2018, p.35). Em outras palavras, ““nossa forma de vida como um todo - nossa forma de

trabalhar, produzir e consumir - não é perdurável no tempo, nem tampouco generalizável a todos os habitantes do planeta” (RIECHMANN, 2005, p.46).

Portanto, uma dupla face nos introduz ao tema da ecologia e, por consequência, à ecoteologia: encantamento diante da beleza da Criação, inquietação frente à crise ambiental causada pelo ser humano.

Uma visão abrangente concebe a ecologia como um todo integrado, de esferas concêntricas ou comunicantes no campo ambiental, social e pessoal. Integra as variáveis de cunho científico, ético e filosófico. Vários autores configuram tal constelação elementos da ecologia. Tomaremos três perspectivas que transitam entre a filosofia crítica e a teologia. Em outra ocasião, abordaremos a visão das ciências ambientais, da ecopedagogia e da física quântica. Na segunda parte do artigo, discorreremos acerca da ecoteologia, seus componentes e tarefas, relacionadas com a ecologia.

Ecologia(s) e Ecosofia

As três ecologias e a ecosofia segundo Guattari

Felix Guattari é um pensador francês, militante social e psicanalista, falecido em 1992. O clássico ensaio “As três ecologias”, publicado originalmente em 1989, almeja contribuir para a “recomposição das práticas sociais e individuais”. Para alcançar tal objetivo, ele reúne três rubricas complementares - a ecologia social, a ecologia mental e a ecologia ambiental - “sob a égide ético-estética de uma ecosofia” (GUATTARI, 2001, p.23). O modelo de compreensão de Guattari é bem mais complexo do que aparentam os simples termos.

Para Guattari, a ecologia ambiental atual somente inicia e prefigura a “ecologia generalizada” do futuro, que visa a “descentrar radicalmente as lutas sociais e as maneiras de assumir a própria psique”. Ele critica os movimentos ecológicos arcaicos e “folclorizantes” que recusam o engajamento político em grande escala. A questão ecosófica global é decisiva e não está restrita “à imagem de uma pequena minoria de amantes da natureza ou de especialistas diplomados” (GUATTARI, 2001, p.45). Cada vez mais, os equilíbrios naturais

dependerão das intervenções humanas, éticas e políticas, para reparar os danos causados contra a biosfera e assegurar o futuro da nossa espécie no planeta (GUATTARI, 2001, p.52).

A ecologia mental, por sua vez, serve para denunciar a introjeção do poder repressivo sobre os oprimidos e postula uma nova forma de viver a subjetividade em relação com o mundo real. Os movimentos emancipatórios almejam superar tudo o que entrava a liberdade de expressão e de inovação. A ecologia social e a mental deverão trabalhar na reconstrução das relações humanas em todos os níveis, do *socius*. O poder capitalista se desterritorializou e ampliou seu domínio sobre o conjunto da vida social, econômica e cultural do planeta, infiltrando-se no seio dos mais inconscientes estratos subjetivos. Não é possível se opor a ele apenas de fora, através de práticas sindicais e políticas tradicionais. Deve-se encarar seus efeitos no domínio da ecologia mental, no seio da vida cotidiana individual, familiar e coletiva. A questão será, no futuro, a de cultivar o dissenso e a produção singular de existência (GUATTARI, 2001, p.32).

A ecologia social estimula “um investimento afetivo e pragmático em grupos humanos de diversos tamanhos” para reconstruir, de forma nova, o tecido social. Um ponto programático primordial da ecologia social consiste na transição da sociedade capitalista da era da mídia para a pós-mídia, como “reapropriação da mídia por uma multidão de grupos-sujeito, capazes de gerir numa via de ressingularização” (GUATTARI, 2001, p.45).

Guattari articula no seu pensamento a filosofia pós-estruturalista, a psicanálise e o ativismo social. Para ele, atualmente a relação da subjetividade com sua exterioridade (social, animal, vegetal, cósmica) “encontra-se comprometida numa espécie de movimento geral de implosão e infantilização regressiva”. A alteridade tende a perder sua consistência. Mais ainda, a crescente crise ambiental, com perigos evidentes que ameaçam o meio ambiente natural de nossas sociedades, é abordada unicamente em perspectiva tecnocrática, como se a ciência fosse a solução. Tal questão somente pode ser esclarecida e resolvida por meio da articulação ético-política – que ele

denomina ecosofia – “entre os três registros ecológicos: o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana” (GUATTARI, 2001, p.7).

Guattari articula as “três ecologias” almejando uma sociedade alternativa, com novos paradigmas comunicacionais, relacionais e sociais. Para ele, a verdadeira resposta à crise ecológica dar-se-á

(..) em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Essa revolução deverá concernir, portanto, não só às relações de forças visíveis em grande escala, mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo (GUATTARI, 2001, p.8).

O que está em jogo é “a produção de existência humana em novos contextos históricos. A ecosofia social consistirá, portanto, em desenvolver práticas específicas que tendam a modificar e a reinventar maneiras de ser” nas relações afetivas, interpessoais, comunitárias, sociais, no mundo do trabalho etc. A ecosofia mental se encarregará de reinventar a relação do sujeito com o corpo, com o tempo que passa, com os "mistérios" da vida e da morte. Procurará antídotos para a uniformização midiática e telemática, o conformismo das modas e a manipulação da opinião pública (GUATTARI, 2001, p.14-15).

Na visão de Guattari, a ecosofia reúne as três ecologias visando a uma utopia viável, cujo movimento já começou. Ela levará a humanidade a um patamar original, a sínteses ainda não alcançadas.

Uma ecosofia de um tipo novo, ao mesmo tempo prática e especulativa, éticopolítica e estética, deve substituir as antigas formas de engajamento religioso, político, associativo... Ela não será nem uma disciplina de recolhimento na interioridade, nem uma simples renovação das antigas formas de "militantismo". Tratar-se-á antes de movimento de múltiplas faces dando lugar a instâncias e dispositivos ao mesmo tempo analíticos e produtores de subjetividade. Subjetividade tanto individual quanto coletiva, transbordando por todos os lados as circunscrições individuais... (GUATTARI, 2001, p.53).

Em “As três teologias”, Guattari não tem perspectiva religiosa e nem pretende oferecer subsídios para a nascente ecoteologia. Embora cite a ecologia ambiental, ele não valoriza suficientemente a alteridade da Terra e da biosfera. Vê com desconfiança o movimento ecológico. Seu intento é investir na ecologia social, em novas relações, diferentes daquelas que o capitalismo estabelece na sociedade da comunicação e da manipulação das massas. Em outra publicação, ¿Qué es la Ecosofía?, ele desdobra o conceito de três ecologias e acrescenta alguns aspectos:

O enlace da ecologia ambiental, da ecologia científica, da ecologia econômica, da ecologia urbana e das ecologias social e mental, não para englobar todas essas abordagens ecológicas heterogêneas em uma mesma ideologia totalizante ou totalitária, senão para assinalar o contrário, a perspectiva de uma escolha ético-política da diversidade, do dissenso criador, da responsabilidade a respeito da diferença e da alteridade (Guattari, 2015, p. 31, citado em Hur, 2015, p.425)

Ecologia profunda e ecosofia segundo Naess

Arne Naess foi um filósofo e ecologista da Noruega, falecido em 2009, considerado o fundador da ecologia profunda. Num clássico artigo, originalmente publicado em 1973, ele explica a diferença entre a ecologia superficial, limitada a resolver problemas ambientais, e a ecologia profunda. Ali Naess apresenta seis características da *deep ecology*: recusa da imagem do homem no meio ambiente em favor da imagem relacional, de campo total; igualdade biosférica; princípio de diversidade e simbiose; postura anti-classista (ou anti-dominadora); combate à poluição e ao esgotamento dos recursos naturais; complexidade, não complicação; autonomia local e descentralização (NAESS, 2007, p.98-101).

Anos mais tarde, A. Naess e G. Sessions divulgam os “Princípios básicos da Ecologia Profunda”, que são uma plataforma de luta em vista de uma nova humanidade. Resumidamente:

1. O bem-estar e o florescimento da vida humana e da não-humana sobre a terra têm valor em si mesmos (valor intrínseco, valor inerente). Esses valores são independentes da utilidade do mundo não-humano para os propósitos humanos.
2. A riqueza e a diversidade das formas de vida contribuem para a realização desses valores e são valores em si mesmos.

3. Os seres humanos não têm nenhum direito de reduzir essa riqueza e diversidade, exceto para satisfazer necessidades humanas vitais.
4. A prosperidade da vida humana e das suas culturas é compatível com um substancial decréscimo da população humana. O florescimento da vida não-humana exige essa diminuição.
5. A atual interferência humana no mundo não-humano é excessiva e a situação está piorando aceleradamente.
6. Em conformidade com os princípios anteriores, as políticas precisam ser mudadas. As mudanças políticas afetam as estruturas básicas da economia, da tecnologia e da ideologia. A situação que resultará desta alteração será profundamente diferente da atual.
7. A mudança ideológica ocorrerá, sobretudo, no apreciar da qualidade de vida (manter-se em situações de valor intrínseco), em vez da adesão a padrões de vida mais elevados. Haverá uma consciência profunda da diferença entre o grande (quantidade) e o importante (qualidade).
8. Aqueles que subscrevem os princípios precedentes têm a obrigação de tentar implementar, direta ou indiretamente, as mudanças necessárias (NAESS e SESSIONS, 1984, p.1-6)

A principal crítica que se faz a Naess diz respeito à noção de “igualdade biosférica”, que conduziria a um biocentrismo extremo. Naess afirma que

(..) a igualdade de direito a viver e florescer é um axioma de valor intuitivamente claro e manifesto. Sua restrição aos seres humanos constitui um antropocentrismo com efeitos nocivos sobre a qualidade de vida dos humanos mesmo. Pois essa depende em parte do profundo prazer e satisfação que experimentamos ao compartilhar com outras formas de vida (NAESS, 2007, p.99).

Arne Naess conecta a ecologia profunda com a ecosofia. Segundo ele, os movimentos ecológicos ganham importância à medida que forem mais ecofilosóficos do que científico-ecológicos. Sem desprezar a importância da ciência, Naess pende para a filosofia política. A ecologia é uma ciência limitada que usa métodos científicos. Já a filosofia é o fórum de discussão mais geral sobre fundamentos, descritivo e prescritivo, e a filosofia política, uma de suas áreas. A ecosofia é definida como

(..) uma filosofia de harmonia ecológica ou equilíbrio ecológico. Uma filosofia é um tipo de sophia ou sabedoria, é abertamente normativa e contém: (1) normas, regras, postulados, declarações de valores de prioridade, e (2) hipóteses sobre a

natureza do nosso universo. A sabedoria inclui prescrição e política, não apenas descrição e previsão científica. Os detalhes de uma ecosofia exibirão muitas variações devido a diferenças significativas relacionadas não apenas a "fatos" de poluição, recursos, população, etc. ., mas também a prioridade de valores (NAESS, 2007, p. 101)

O termo “ecosofia” utilizado por Guattari, Deleuze e Naess tem no âmbito da teologia um sentido diferente. Por exemplo, no pensamento do indiano *Raimon Panikkar*. Esse teólogo busca a harmonia entre a filosofia, as ciências e a teologia. Adota a concepção *cosmoteândrica*. Considera que a realidade é trinitária, a comunhão perfeita, sem divisão nem confusão, entre Deus – a Divindade, o ser Humano – a Consciência e o Cosmos – a Matéria. Elaborou seu pensamento em diálogo intercultural, relacionando a sabedoria de Ocidente e Oriente, e interreligioso, aproximando o cristianismo, o hinduísmo e o budismo. Para ele, tão importante quanto o pensamento e a filosofia são a contemplação e a mística. Isso compreende toda sua obra, que expressa a necessidade de integração do conjunto de toda a realidade, nas suas diversas dimensões (PERES PRIETO, 2010).

Para Panikkar, o novo equilíbrio a ser buscado inclui o ser humano e a terra, matéria e espírito, espaço-temporalidade e consciência. Ecosofia é mais do que "ciência da terra" (ecologia) ou a "sabedoria na terra". Consiste na "sabedoria da própria terra" que se manifesta ao ser humano quando ele sabe escutá-la com amor (PANIKKAR, 1994).

Ecologia na teologia

Ecologia como um novo paradigma: Leonardo Boff

O teólogo brasileiro Leonardo Boff é considerado o fundador da ecoteologia latino-americana, pois com ele essa alcança com amplitude, divulgação, extensão e profundidade. Quando a teologia da libertação ainda concentrava todo seu foco no empenho social, iluminado pela fé em Jesus Cristo, Boff intuiu que a Terra também sofria, como os pobres e com os pobres. Abriu um caminho novo, inusitado. Herdeiro de uma sólida formação clássica

norte-europeia, ele aprendeu com as CEBs e as pastorais populares a fazer uma leitura teológica “a partir de baixo”. Deixou-se tocar pelas belezas e fragilidades dos pobres. Como um teólogo conectado com as questões contemporâneas já no final da década de oitenta percebeu que era necessário dar um passo a mais. E assim o fez, dedicando-se a estudar sobre a ecologia e sua influência para o pensar teológico, a ética e a espiritualidade.

Boff toma a ecologia profunda de Naess e as três ecologias de Guattari, e elabora uma síntese original. Ele apresenta assim quatro “camadas” da ecologia, intimamente relacionadas: ambiental, social, mental e profunda ou integral (BOFF, 2012). Na obra em que reúne os elementos centrais de seu pensamento, por ocasião dos 80 anos de vida, Leonardo se refere aos “caminhos da ecologia integral”: a ecologia ambiental, que reporta à qualidade de vida, a ecologia político-social, que diz respeito à sustentabilidade, a ecologia mental (novas mentes e corações), e a ecologia integral-espiritual, pois somos parte do universo (BOFF, 2018, p. 109-115).

Mais do que se prender a essa distinção didática, que aponta para a ecologia integral, importa considerar as afirmações de Boff no clássico “Ecologia: grito da Terra, Grito dos Pobres” (BOFF, 2004). Boff inicia sua reflexão retomando e ampliando o conceito de Ernest Haeckel, que *a ecologia é o estudo do inter-retro-relacionamento de todos os sistemas vivos e não-vivos entre si e com seu meio-ambiente*. Não se trata de estudar isoladamente os seres bióticos e abióticos, mas de perceber as relações. Não a metade do ambiente, mas ele inteiro. Um ser vivo é compreendido em relação ao conjunto das condições vitais que o constituem e no equilíbrio com os demais representantes da comunidade dos viventes. Daí, conclui:

(...) a ecologia é um saber de relações, interconexões, interdependências e intercâmbios de tudo com tudo em todos os pontos e em todos os momentos (...) Não é um saber de objetos de conhecimento, mas de relações entre os objetos de conhecimento. Um saber de saberes, entre si relacionados (BOFF, 2004, p.17).

A ecologia pretende compreender a forma como os seres dependem uns dos outros, numa imensa teia de interdependência, o sistema homeostático, equilibrado e autorregulado. A singularidade do saber ecológico consiste na transversalidade: “relacionar pelos lados (comunidade ecológica), para a frente (futuro), para trás (passado) e para dentro (complexidade) todas as experiências e todas as formas de compreensão como complementares e úteis no nosso conhecimento do universo, nossa funcionalidade dentro dele e na solidariedade cósmica que nos une a todos” (BOFF, 2004, p.17).

Então, a ecologia deixou de ser um movimento de preservação das matas e das espécies. Transforma-se em crítica ao tipo de civilização que construímos, que devora energia e destrutura os ecossistemas. Uma forma de viver, uma via de redenção para o ser humano e o ambiente (BOFF, 2004, p.18).

Em “Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres”, Leonardo Boff traça os elementos básicos que marcarão seu percurso nos anos seguintes. Ele anuncia a “emergência do paradigma da comunidade planetária” (BOFF, 2004, p.27), que considera a Terra como um organismo extremamente dinâmico e complexo, que possui identidade e autonomia. É a grande mãe que nos nutre e nos carrega. “Ressurge uma atitude de encantamento, reponta uma nova sacralidade e desponta um sentimento de intimidade e de gratidão (..) O universo dos seres e dos viventes nos enche de respeito, de veneração e de dignidade” (BOFF, 2004, p.28).

No paradigma emergente, ao lado da razão instrumental, valoriza-se a razão simbólica e cordial, usam-se todos os nossos sentidos corporais e espirituais. Somos razão (logos) e afetividade (pathos), desejo (Eros), paixão, comoção, comunicação e atenção para a voz da natureza que fala em nós (daimon). Conhecer não é somente uma forma de dominar a realidade, mas também de entrar em comunhão com os outros seres (BOFF, 2004, p.29).

Mais tarde, dirá Boff, assim como existe uma ecologia exterior, há também uma interior, constituída de solidariedade, sentimento de religação com o todo, cuidado e amorização. Ambas estão ligadas umbicalmente. É preciso resgatar o espírito de mútua pertença à Terra. A consciência ecológica

se liga então à cultura do cuidado, que é a condição prévia para a emergência dos seres. O cuidado funda um novo ethos, a forma como organizamos nossa casa, o mundo que habitamos com os outros humanos e a natureza (BOFF, 2010, p.74.76.173).

“Saber Cuidar” (1999) é uma obra-prima, que articula, de forma brilhante, a faceta humana e cósmica da ecologia. Trata do cuidado com o nosso único planeta, com o próprio nicho ecológico, com a sociedade sustentável, com o outro/a, os pobres, oprimidos e excluídos, com nosso corpo, com a cura integral do ser humano, com “os anjos e os demônios interiores”, com o nosso espírito, os grandes sonhos e Deus, e por fim, com a grande travessia da morte (BOFF, 1999).

Em várias obras, Leonardo discorre de forma poética e cativante sobre a ecoespiritualidade, em perspectiva inter-religiosa. Relaciona-a com a ética e o novo paradigma (BOFF, 2010, p. 74-151). Além disso, ele consegue libertar o tema da “sustentabilidade” das amarras economicistas e da cooptação do mercado global, pois a relaciona corretamente com uma ecologia integral.

Sustentabilidade é toda ação destinada a manter as condições energéticas, informacionais, físico-químicas que sustentam todos os seres, especialmente a Terra viva, a comunidade de vida e a vida humana, visando sua continuidade e ainda atender as necessidades da geração presente e das futuras, de tal forma que o capital natural seja mantido e enriquecido em sua capacidade de regeneração, reprodução e coevolução (BOFF, 2012, p.107)

Portanto, ao mesmo tempo que Boff engendra uma visão de ecologia, fundada em vários saberes, ele elabora ecoteologia. Pois sempre relaciona sua visão antropocósmica com a criação e a redenção do mundo em Deus. Sem deixar de ser a Alteridade radical, a graça de Deus penetra nas realidades da evolução do cosmos e da história humana. Pan-enteísmo e não panteísmo.

A predominância da ecologia humana: a síntese de Román Guridi

Román Guridi (2018), teólogo jesuíta chileno, no livro “Ecoteología: hacia un nuevo estilo de vida”, apresenta um panorama conceitual acerca da ecologia. Segundo ele, ecologia tem basicamente dois sentidos: científico e

filosófico. O médico e biólogo prussiano Ernst Haeckel cunhou o termo na obra “Morfologia geral dos organismos” em 1866. Para este pesquisador, a ecologia é, desde o começo, uma *ciência* e uma *visão de conjunto*. Então, combina elementos científicos e filosóficos. Do ponto de vista científico, a ecologia se define como “o estudo das relações e interação entre os organismos, e destes com seu entorno, tanto com os elementos vivos quanto os não vivos” (GURIDI, 2018, p.37). Seu foco é a interconexão entre todos os seres.

Ora, a ecologia requer a cooperação de várias disciplinas, como a biologia, a química, a climatologia, a física, a etologia, a geografia e a sociologia. Portanto, é uma “ciência ponte”. Ela discorre sobre a interação entre organismos e seus entornos ou contextos. Diríamos: ao mesmo tempo que é generalista, a ecologia demanda a especialização em várias áreas do saber.

A ecologia tem um sentido filosófico, por buscar uma compreensão mais ampla e não setORIZADA. Seu principal princípio consiste na interconexão de todos os seres. Tudo está conectado e interrelacionado. A ecologia realiza tal intento com a participação de muitos atores sociais, não somente cientistas, mas também ambientalistas e várias organizações da sociedade. Alcança assim tal abrangência que configura um *novo paradigma cultural*.

Em sentido amplo, compreende-se “ecologia” como o modo pelo qual os seres humanos entendemos e imaginamos nosso modo de vida na terra, nosso modo de habitar o mundo. Nesse âmbito, ela tem a ver com a maneira na qual a humanidade pensa sua presença e papel na criação e daí tira consequências práticas (GURIDI, 2018, p.39).

A crise ecológica questiona nossos estilos de vida, opções pessoais e coletivas, tipo de desenvolvimento e a forma de relações dos grupos humanos com a natureza. O desequilíbrio na biosfera, provocado pela espécie humana postula uma tomada de decisão. Convoca-nos para decisões arrojadas. Essas devem ser acompanhadas por abordagens diferentes e complementares, tais como:

- *Conhecimento científico e instrumentos técnicos*. São imprescindíveis para avaliar com precisão o impacto da ação humana sobre o ambiente, suas causas (empíricas) e soluções viáveis.

- *Esfera política*, encarregada de definir e implementar ações orientadas para a sociedade civil e as empresas. Tem maior efeito quando se tomam decisões a nível de governança global, vinculando compromissos nacionais e internacionais.

- *Nível ético*, próprio da reflexão sobre as mudanças de mentalidade e de práticas que se requerem para enfrentar a crise ecológica. É nesse âmbito onde se questionam nosso estilo de vida e modo prático e cotidiano de habitar o mundo (GURIDI, 2018, p.28-30).

Román Guridi propõe um conceito de ecologia como um todo integrado, baseado nas ecologias pessoal, social e ambiental. A disposição dos termos é proposital: parte do indivíduo, mostra o conjunto de suas relações, até abranger a instância da Casa Comum (GURIDI, 2018, p. 47-53).

A *ecologia pessoal* diz respeito à interação básica de todo indivíduo consigo mesmo, e suas consequências sociais e ambientais. Remete ao florescimento e plenitude do indivíduo. Alguns âmbitos cabem dentro da ecologia pessoal: “são a maneira em que uma pessoa pensa e organiza seu ritmo diário: o uso do tempo, tempo de trabalho e descanso; os hábitos de consumo e o discernimento daquilo que é realmente necessário para a sobrevivência e vida; o uso do espaço e habitação (casa); a escolha dos meios de transporte e o modo de se relacionar com o próprio corpo” (GURIDI, 2018, p.49).

A *ecologia social* mostra que a interação social entre os seres humanos afeta diretamente a relação com a natureza. Como sustenta a teologia feminista, a exploração da natureza é uma extensão ou expressão de um padrão de dominação entre os humanos. E, reciprocamente, certas condições ambientes ajudam a modelar a interação social. Muitos problemas ambientais atingem os mais pobres entre os pobres.

Com este termo, Guridi enfatiza: “a dimensão social da interação humana que condiciona e constitui nossas identidades individuais; e a conexão íntima entre a interação social, as estruturas sociais e o meio ambiente” (GURIDI, 2018, p.51). Vários âmbitos da vida estão incluídos na dimensão social da ecologia, tais como: migração forçada por causas ambientais, fome, produção e distribuição de alimentos, captação e acesso à água, geração e uso de energia, segurança em relação a doenças, planejamento urbano e meios de

transporte, manejo de resíduos. Todos estes exemplos mostram que é um falso dilema escolher entre desafios ambientais ou injustiça social. Pois assumir um implica responsabilizar-se pelo outro.

A *ecologia ambiental* enfoca na interação entre os seres humanos e os demais seres vivos e não vivos. Aborda a maneira como essa relação é vivida, os pressupostos que a governam, as dinâmicas que a constituem e as consequências práticas para a humanidade e a natureza. Tudo isso está condicionado por fatores culturais e históricos. A sociedade humana sempre produziu um impacto no seu entorno. Atualmente, esse atingiu um grau impressionante, que chega a ameaçar a viabilidade de nossa existência sobre a terra. Vários temas cabem na ecologia ambiental, como: poluição, proteção das espécies em vias de extinção, perda de biodiversidade, desmatamento, esgotamento dos recursos não renováveis, destruição dos ecossistemas, mudanças climáticas, geração e manejo de resíduos, o risco de desastres biológicos e nucleares (GURIDI, 2018, p.52-53).

As dimensões pessoal, social e ambiental da ecologia são como círculos concêntricos que interatuam e modelam o modo na qual a humanidade se representa e vive sua existência na terra.

Ora, o que isso tem a ver com a religião e a teologia? A maneira na qual a ecologia e a crise ecológica são compreendidas determina o modo pelo qual a teologia desempenha um papel nela! Com o olhar da fé, a ecologia ambiental aponta o florescimento e plenitude da totalidade da criação, ou seja, da criação em seu conjunto. Isso vale não somente para o cristianismo.

As religiões e as comunidades religiosas podem desempenhar um papel chave nesta tomada de consciência e transformação das crenças e práticas, já que elas possuem os arquétipos, os símbolos, os significados, os valores e os códigos morais ao redor dos quais nos agrupamos e nos definimos (GURIDI, 2018, p.54).

Se a ecologia tem a ver com a interação dos indivíduos em e com seu entorno, então ela deve considerar todas as dimensões humanas da relacionalidade. Por isso, para Francisco, a ecologia integral inclui várias

dimensões. Então, faz parte da ecologia, por exemplo, o planejamento urbano, a produção e distribuição de alimentos.

Nossa contribuição para a reflexão sobre Ecologia

Podemos considerar a ecologia sob três perspectivas diferentes e complementares: *ciência, prática social e paradigma* (MURAD, 2008). Enquanto ciência, a ecologia estuda como interagem todos os seres que habitam a nossa Casa Comum (bióticos e abióticos), nas suas múltiplas e complexas relações de interdependência. Como prática e ética social, sob o nome de “ecologia” e “movimento ecológico” se abrigam uma ampla gama de pessoas, grupos e instituições que efetivamente assumem novas posturas em relação à nossa Casa Comum. Eles promovem atitudes individuais, ações comunitárias e políticas institucionais para reduzir o impacto negativo sobre o ambiente e estabelecer uma nova forma de relação com a comunidade de vida do planeta, a biosfera.

Por fim, a ecologia se transforma em um novo modelo de compreensão que corrige o antropocentrismo egóico da modernidade, propõe uma forma de conhecimento participativo e não mais manipulador, e revisa a subjetividade moderna ao inserir as categorias de diversidade, cooperação e interdependência. No contexto latino-americano, a ecologia se associa à consciência planetária, à sustentabilidade e ao Bem-viver (MURAD, 2016, p.17-54). Interage com a visão dos povos originários, das comunidades de afrodescendentes (quilombolas), os ribeirinhos e povos da floresta da Amazônia e o movimento ecofeminista.

O magistério da Igreja Católica respalda a percepção das múltiplas faces da ecologia. João Paulo II se pronuncia a respeito da ecologia humana, social e física. Francisco, na *Laudato Si*, assume a “ecologia integral”, que é mais do que ambiental. Para ele, são inseparáveis a preocupação com a natureza, a justiça com os pobres, o compromisso com a sociedade e a paz interior (LS 10). Trata-se de ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres (LS 49,53,117). No capítulo IV da *Laudato Si*, Francisco apresenta, de forma didática e articulada, os componentes da ecologia integral: ambiental, econômico, social, cultural e do cotidiano, sobretudo urbano. Relaciona a ecologia integral com o princípio do Bem Comum, tema axial do Ensino Social

da Igreja Católica e termina alertando para solidariedade intergeracional (LS 137-162).

A dimensão ambiental da ecologia está na base do alargamento de seu conceito. Toda reflexão sobre ecologia, coerente e consequente, deve partir da noção de interdependência, de que tudo está interligado na grande comunidade de vida, que é o nosso planeta. Somos filhos e filhas da Terra e nossa sobrevivência depende da teia da vida, dos liames dos seres abióticos (água, solo, ar e energia do sol) com os bióticos (microorganismos, plantas e animais). O florescimento e o desenvolvimento humano estão conectados com a vida e o bem-estar das outras criaturas. E o cuidado da Casa comum inclui os seres humanos.

É verdade que ecologia é mais do que o estudo sobre o meio ambiente, ou com mais precisão, acerca da relação dos seres e do conjunto dos ecossistemas que compõem a biosfera. Mas não pode ignorar ou subestimar o seu sentido primigênio. Uma ecologia de mente sem a ecologia ambiental e social pode se tornar uma ideologia alienante. Por isso, a visão de “ecologia integral”, sistematizada por Francisco no capítulo IV da *Laudato Si*, consegue abarcar o universo (ou pluriverso) dos seus componentes; supera os equívocos do antropocentrismo despótico da modernidade; questiona o atual modelo de exploração, produção e descarte; enfatiza a unidade entre a questão social e ambiental; em vista de uma sociedade justa, inclusiva, sustentável e responsável pelo futuro das novas gerações (LS 138-162).

Nosso próximo passo consistirá em reunir pontos consensuais a respeito do conceito e da função da ecoteologia, no conjunto da reflexão sobre a fé e a partir da fé cristã, situada no mundo.

Conceito e finalidade da Ecoteologia

Consta que o termo *ecoteologia* foi cunhado e popularizado por David G. Hallman, antigo presidente do conselho mundial das Igrejas. Dentre suas obras, destaca-se *Ecotheology: Voices from South and North*, 1994. Foge do

escopo deste trabalho realizar uma “história da ecoteologia”. Preferimos uma abordagem sincrônica, para identificar os traços atuais dessa corrente teológica.

A síntese de Román Guridi

Guridi (2018) expõe, de forma didática, as características gerais da ecoteologia. Segundo ele:

(1) “A ecoteologia não é um mero esforço reativo para defender a relevância do cristianismo e sua contribuição às práticas ecologicamente amigáveis, contra aqueles que o acusam de ser uma das principais causas históricas da crise ecológica atual” (GURIDI, 2001, p.84). As teses de Lynn White (2007), referentes à crítica ao antropocentrismo e sua origem no cristianismo foram somente um catalisador da ecoteologia.

(2) A ecoteologia foi historicamente modelada pelo encontro da reflexão teológica e a crescente consciência ecológica. Essa nova consciência penetrou na teologia, como também em outras áreas do conhecimento e em práticas e crenças humanas. Está permeando a educação, a economia, as artes, o planejamento urbano e os hábitos cotidianos.

(3) A ecoteologia se desenvolveu muito nos últimos anos, com uma quantidade razoável de autores e publicações. Suscitaram-se perguntas, como: diante da crise ecológica atual, quais são as mudanças necessárias no olhar teológico sobre o mundo?; qual o papel da prática cristã, neste contexto? como o cristianismo pode contribuir para uma mudança de mentalidade e de comportamento? quais seriam as fontes teológicas para realizar esta revisão da teoria e da prática cotidiana? como articular corretamente a sensibilidade ecológica com as nossas convicções de fé?

(4) A ecoteologia realiza uma dupla tarefa hermenêutica: a crítica a partir da fé cristã, e a crítica da própria formulação que esta adquiriu na história. Os termos que melhor descrevem os objetivos que a ecoteologia assumiu nas últimas décadas são: *revisão, recuperação, transformação e aprofundamento*. A ecoteologia propugna uma ética ambiental, mas não se reduz a ela. Visa explicar “como e porque a sensibilidade ecológica é essencial para os crentes e uma parte nuclear de sua fé”. Analisa a crise ecológica a partir de sua dimensão religiosa. Nesse empenho, revisa a compreensão de Deus, de criação e do lugar do ser humano. Exerce simultaneamente a dupla função de crítica e reconstrução (GURIDI, 2018, p. 84-85,87).

(5) Os teólogos e as teólogas exploram distintos caminhos e concretizam objetivos para ativar o diálogo entre a teologia cristã e a sensibilidade ecológica, tais como:

- Redefinir a noção de domínio e reinterpretar a pretensa tarefa de administrar o mundo, encomendada por Deus à humanidade em Gn 1.

- Buscar novas metáforas e conceitos para expressar a causalidade divina (relação de Deus com a criação) e o vínculo do ser humano com as outras criaturas. Além disso, inspirar práticas ecológicas amigáveis.
- Explicitar paradigmas bíblicos e outras tradições teológicas que ofereçam uma compreensão da realidade distinta do dualismo grego e da estratificação hierárquica dos seres.
- Acentuar o valor intrínseco de todas as criaturas, que tem sua origem em Deus.
- Propor um conjunto de princípios éticos e critérios práticos para o discernimento de pessoas e de comunidades, em vista de novas formas de vida (GURIDI, 2018, p. 87).

Há distintas formas de concreção da ecoteologia, que têm a ver com os contextos culturais e geográficos. As produções de ecoteologia se diferenciam pelas formas de lidar com o uso da Escritura; as perguntas formuladas e estudadas; as preocupações particulares ou gerais; a pluralidade de Igrejas cristãs; o tipo de diálogo estabelecido com as ciências e a filosofia; o horizonte intelectual, os objetivos estabelecidos e a forma como se recebe e interpreta a Tradição cristã. “Estas diferenças nos temas, nos métodos e nas prioridades implicam tensões e, também disparidade na qualidade e no alcance das pesquisas e publicações dentro da ecoteologia” (GURIDI, 2018, p. 101).

O teólogo Ernst Conradie (2006, 2014) identifica o seguinte leque de estratégias da ecoteologia no mundo: trabalhos em exegese e teologia bíblica; ética aplicada com temas relacionados com os animais, a alimentação, a biotecnologia, as mudanças climáticas; ecofeminismo e suas facetas regionais; projetos multiconfessionais sobre Religião e Ecologia, incorporando as cosmovisões dos povos originários; renovação da liturgia e da espiritualidade em perspectiva ecológica; iniciativas de revisão e atualização dos símbolos e doutrinas cristãs; e transformações locais para tornar as instituições e as comunidades cristãs mais ecológicas (citado em GURIDI, 2018, p.100).

Guridi, ao esboçar o estado atual da ecoteologia, atesta que há nela uma pluralidade de vozes, diversidade de temas, ênfases e estratégias. No entanto, faltaria um método próprio para fazer teologia a partir de uma perspectiva ecológica.

A ecoteologia não se estrutura em torno a um método teológico original ou a um novo grupo de metodologias dentro da teologia (...) Diferentemente da teologia da libertação e da teologia feminista, a ecoteologia ainda não conseguiu articular um método próprio que seria característico de sua tarefa teológica (GURIDI, 2018, p.155).

Apesar disso, a ecoteologia cresceu como um campo específico dentro da reflexão teológica; ela se desenvolveu em algumas ferramentas metodológicas, como o diálogo com a visão científica e evolutiva da vida, assumiu temas específicos e estratégias particulares, e desenvolveu uma sensibilidade própria.

A ecoteologia tem um duplo objetivo: exercer uma crítica cristã aos valores culturais, crenças e atitudes que estão subjacentes à crise ecológica, e realizar uma atualização ecológica do cristianismo, no ensino e na prática (CONRADIE, 2006, p.3). Ela nos permite recuperar, reinterpretar e reconstruir elementos da Escritura e da Tradição, em diálogo com a sensibilidade ecológica contemporânea. A ecoteologia penetrou em vários âmbitos da teologia, como a dogmática, a ética, a história, os estudos bíblicos, a liturgia e a espiritualidade. Dessa forma, propicia uma revisão integral e uma nova expressão do cristianismo. Ela conecta as práticas e crenças ecologicamente amigáveis com as convicções e símbolos mais profundos da fé cristã (GURIDI, 2018, p.155-157).

Em que sentido a ecoteologia é uma reflexão universal, que toca a todos os cristãos e cristãs do mundo? Em que sentido ela pode ser considerada (apenas) como um foco teológico particular, que tende a desaparecer? Para Guridi, a ecoteologia não é meramente uma “teologia contextual”, pois abrange mais do que a resposta a desafios locais. A crise ecológica, embora encarnada em manifestações locais, consiste numa realidade mundial. Além disso, a ecoteologia visa a alcançar não somente um setor da teologia, como também sua totalidade. Os desafios ecológicos podem tocar a todas as dimensões da teologia. Por outro lado, os contextos locais e as particularidades regionais conferem uma feição singular à ecoteologia. Assim, ela combina as questões locais com a consciência planetária. Inquieta, estimula e inspira pessoas e grupos.

A missão da ecologia exige mais do que recuperar os elementos da Bíblia e da Tradição eclesial, que foram esquecidos ou ignorados no correr do tempo. Assim, a ecoteologia impulsiona a memória teológica como também realiza uma revisão das práticas e crenças cristãs, como por exemplo, a ideia de que a criação existe somente em benefício do ser humano. Tal revisão construtiva afeta os principais símbolos e doutrinas do cristianismo. A ecoteologia deve re-dizer tudo isso. A crescente consciência ecológica é um catalisador para uma apropriação nova e mais profunda da Escritura e da Tradição Cristã.

Um aspecto fundamental a ser revisado é a antropologia teológica. A ecoteologia questiona a narrativa teológica clássica que: nós fomos criados à imagem e semelhança de Deus, e por isso temos um status especial, e Deus mesmo no pediu para dominar e governar a criação (GURIDI, 2018, p.157-159).

Singularidade da ecoteologia latino-americana: nossa visão

A ecoteologia latino-americana apresenta traços comuns com os intentos realizados em outros continentes. Ao mesmo tempo, delineia traços próprios, devido à proximidade com a teologia da Libertação, o ecofeminismo, as teologias afro-ameríndias e a perspectiva decolonial. Além disso, deve sua singularidade à articulação com a pastoral e a participação em iniciativas socioambientais em defesa dos pobres e do território (MURAD, 2016, p.213,231-232).

Temos uma visão convergente com Román Guridi, no que concerne ao conceito e à missão da ecoteologia. Divergimos, no entanto, no que diz respeito ao método. Apresentaremos abaixo uma síntese, revista e ampliada, do conteúdo exposto no capítulo VI (singularidade da Ecoteologia), da obra “Ecoteologia: um mosaico” (MURAD, 2016, p.216-223)

A ecoteologia latino-americana, em estreita relação com as teologias contextuais do continente, define-se como uma corrente teológica que:

- reelabora a autocompreensão da fé (em que/quem cremos), que ilumina as realidades humanas significativas, incorporando o aporte das ciências ambientais, das práticas socioambientais e do paradigma ecológico;

- incrementa a contribuição da fé cristã para o cuidado com o planeta, a sustentabilidade e o bem viver;
- desenvolve uma espiritualidade, unificadora, celebrativa, alegre, esperançada, lúcida, conectada com o mundo humano e cósmico;
- articula a dimensão social da fé cristã com a emergente consciência planetária, ampliando o horizonte da teologia da Libertação Latino-americana
- agrega elementos crítico-constructivos de outras teologias, como as de gênero, afroamericana, indígena, decolonial, ecumênica e inter-religiosa;
- convoca os cristãos e outros interlocutores para desenvolverem atitudes pessoais, ações coletivas e políticas institucionais visando a manter a terra habitável e promover a inclusão social dos pobres.

Qual a relação da teologia, em sentido amplo, e a ecoteologia? A primeira consiste na reflexão sobre a fé ou a partir da fé vivida e transmitida na comunidade eclesial, realizada de maneira sistemática e crítica, esperançada e sábia, concernente à relação de Deus com a humanidade, a serviço da evangelização e de um mundo fraterno. A segunda significa elaborar essa mesma teologia no horizonte da *consciência planetária*. Entendemos por esse conceito a (re)descoberta de que o mundo se torna um todo, o ser humano é membro da Terra e deve assumir a responsabilidade pelo futuro do planeta habitável (MURAD, 2016, p.38-46). Tal perspectiva é esboçada na “Carta de Terra” com as seguintes palavras:

No meio de uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum. Devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura da paz. Para chegar a esse propósito, é imperativo que nós, os povos da Terra, declaremos nossa responsabilidade uns para com os outros, com a grande comunidade da vida e com as futuras gerações (Carta da Terra, Preâmbulo, 2000).

A ecoteologia é legítima teologia, realizada em nova perspectiva, em continuidade com a Tradição Viva das Igrejas. Nas premissas que “tudo está relacionado”, cada criatura tem valor em si mesmo, a criação é comunicação de Deus, o ser humano é “filho da terra” e sua expressão autoconsciente, há

um fio condutor entre criação, salvação e recapitulação, incitam a atualização de várias disciplinas teológicas como a teologia da criação, a antropologia teológica, a soteriologia, a escatologia, a cristologia, a trindade, a eclesiologia e até a teologia dos sacramentos. Assume-se a unidade da experiência salvífica (MURAD, 2009, p.287-290) e se buscam alternativas para superar a fragmentação das disciplinas e áreas de estudos da teologia.

No dizer de Conradie, a ecoteologia é “uma tentativa de recuperar a sabedoria ecológica do cristianismo diante das ameaças e injustiças ambientais” (CONRADIE, 2006, p.3). Ela é mais do que teologia da criação ou um campo da moral social. Propicia novas (re)leituras da Bíblia e da Tradição Eclesial, suplantando uma visão antropocêntrica egoica e dominadora. Dialoga com várias ciências e saberes. Recoloca questões vitais, como: qual a participação e o lugar das outras criaturas no projeto salvífico de Deus, já que elas têm valor intrínseco? Em que consiste a esperança bíblica de “novo céu e a nova terra”? Como reformular a relação entre matéria e espírito, corpo e alma? Além disso, se somos responsáveis pelo futuro da Terra habitável, isso exige desenvolver uma ética cristã planetária, que vá além das subjetividades, integre as causas sociais com as ambientais e inclua a paz e do diálogo inter-religioso num mundo plural.

Partindo do pressuposto de que a ecologia abarca a *ciência* da interdependência de todos os seres, a *ética* do cuidado com o planeta e o *paradigma* antropocêntrico inclusivo ou biocêntrico relacional, a ecoteologia reflete sobre o lugar do ser humano na criação, estimula a promoção da justiça socioambiental e implementa uma espiritualidade de comunhão, encantamento e indignação. Pois a ecologia, em sua multiplicidade de perspectivas (ciência, ética e paradigma), atinge a totalidade do sujeito e da espécie humana. A(o) cristã(o) se vê desafiada(o) a ampliar sua autocompreensão (quem sou eu, quem é o ser humano neste mundo) e a repensar suas relações com os outros seres abióticos (solo, água, ar, energia do sol) e bióticos (microorganismos, plantas, animais e humanos) na grande, bela, frágil e complexa teia da vida no nosso planeta.

Qual a relação da ecoteologia latino-americana com a Teologia da Libertação? Ela se assemelha à filha que aprende com a mãe, internaliza seus valores, e trilha então seu próprio caminho, mantendo os vínculos. Segundo Gutierrez, a Teologia da Libertação inclui as tarefas clássicas de sabedoria e saber racional (GUTIERREZ, 1976, p. 16-18) e oferece uma reflexão crítica da práxis histórica à luz da Palavra de Deus. A partir do seguimento de Jesus, é “teologia da transformação libertadora da história da humanidade”. Não se limita a pensar o mundo, mas procura situar-se no processo através do qual o mundo é transformado. Ela acolhe o dom do Reino de Deus e se mobiliza. Protesta contra a dignidade humana pisoteada e a espoliação dos pobres. Engaja-se nas lutas do amor que liberta, na construção de nova sociedade, justa e fraterna (GUTIERREZ, 1987, p. 27).

A ecoteologia latino-americana se alinha com esta perspectiva da Teologia da Libertação e dilata seu horizonte. Como diz Leonardo Boff, essa ouve o grito da Terra e o grito dos pobres como um único e mesmo clamor. Não se contenta em ser teologia práxis. Acentua o caráter contemplativo da teologia. Não somente age para transformar. Mas também silencia, sintoniza, reverencia o mistério de Deus na história humana e nos processos cíclicos e evolutivos da biosfera. Dosa eficácia com gratuidade, esforço e fruição. Aprende da natureza a esperar o tempo favorável, a respeitar os ciclos e os ritmos. Conjuga indignação e encantamento.

A Teologia da Libertação enfatizou a dimensão comunitária da fé. Mostrou como a concupiscência, o pecado e a graça têm “espessuras” estruturais. Despertou-nos para as implicações políticas e sociais do seguimento de Jesus. Apelou para enfrentarmos as estruturas que geram e mantêm a pobreza e exclusão. A ecoteologia latino-americana acolhe e incorpora tal projeto. E dá um passo além. Acentua a sua dimensão planetária, e a interdependência do humano com a “comunidade de vida” da Terra. Tal opção traz consequências para a espiritualidade, o jeito de formular e expressar o pensamento, e a ação transformadora no mundo (práxis). Enquanto a teologia da libertação salienta as ações sociais e políticas em grande escala, a ecoteologia mostra que estas estão conjugadas com atitudes individuais

cotidianas e ações coletivas locais. Os vários níveis da ação transformadora (individual, comunitário, institucional, político-social) são simultâneos.

Enquanto que a teologia da libertação utilizou, no momento pré-teológico da elaboração, as Mediações Sócioanalíticas (LIBANIO, 1987) e ecoteologia estabelece pontes com outros saberes, especialmente a filosofia, a visão dos povos originários e as *ciências ambientais*. Essas abarcam ampla gama de saberes teóricos e práticos, não somente o estudo sobre os ecossistemas e a relação entre o meio físico e biótico, as redes e cadeias alimentares. Incluem-se, entre outros: agroecologia, ecodesign, engenharia civil e arquitetura sustentável, geografia, legislação ambiental, gestão ambiental, educação ambiental, hidrologia, estudo dos solos etc. A interlocução com as ciências ambientais possibilita à ecoteologia formatar uma moral ecológica cristã fundamentada cientificamente e viável. Mas não somente isso. Em sintonia com elementos do pensamento atual, como a teoria da complexidade, o “*pensar ecológico*” abre portas inusitadas para vários saberes.

A singularidade da ecoteologia radica tanto no conteúdo, quanto no método e na linguagem. Seguindo tendência semelhante de outras ciências, ela anseia romper com a separação rígida entre sujeito e objeto, no ato de conhecer. Assim, “abandona o pensamento analítico, com suas distinções de sujeito e objeto, em favor de uma forma de pensar nova, comunicativa e integradora. Resgata o antigo conceito da razão como órgão perceptor e participativo” (MOLTMANN, 1987, p.15). Mudam os interesses que guiam o conhecimento. No dizer desse grande teólogo reformado alemão: já não se conhece para dominar, mas “para participar, para integrar-se nas relações recíprocas do vivo” (MOLTMANN, 1987, p.17).

O método da ecoteologia combina vários acessos à comunhão da criação: tradição, experiência, ciência, sabedoria, dedução, intuição. Expressa-se por símbolos e não somente com conceitos. Por fim, incorpora a imaginação criativa e prenhe de esperanças no futuro. Portanto, temos elementos suficientes para afirmar que a ecologia desenvolve um método próprio.

A ecoteologia contribui na produção da teologia ao colocar perguntas decisivas no momento do “*intellectus fidei*”, da mediação hermenêutica propriamente teológica, que navega na Bíblia e na Tradição eclesial, sensível aos “Sinais dos Tempos”. Ela se insere no movimento de continuidade, novas sínteses, articulação e avanço, que caracteriza a teologia contemporânea. Dada a crise das grandes narrativas no atual momento histórico e a produção incessante em várias áreas, é difícil desenvolver uma chave hermenêutica que dê conta de organizar tanta informação e reconfigurar toda a teologia. A ecoteologia tenta reorganizar, inferir e aprofundar dados da fé, com a consciência de realizar uma tarefa limitada, inacabada, provisória, como um mosaico incompleto.

No conjunto da “ciência da fé”, a ecoteologia exerce papel justificador, crítico-constutivo e sapiencial.

- Como saber justificador, a ecoteologia rebate as críticas de Lynn White Jr. e outros pensadores, segundo a qual o cristianismo, desde suas origens, foi o grande responsável pela atitude de dominação sobre o planeta (White, 2007*). Ela esclarece que a visão bíblica não é antropocêntrica, mas sim teocêntrica relacional. O ser humano, constituído do “barro da Terra” e do sopro criador de Deus, é chamado a cuidar do jardim da criação (Gn 2) e a administrar os bens da Terra (Gn 1). O cristianismo não funda a ilusão do progresso ilimitado, porque não tem visão linear da história, e sim kairológica e messiânica (JUNGES, 2001, p.15-16).

- Enquanto saber crítico-constutivo, a ecoteologia denuncia a privatização da fé cristã, que a reduz a um recurso para resolver questões pessoais e cultivar uma paz restrita ao âmbito da subjetividade. Mostra como o antropocentrismo unilateral contagiou os cristãos e suas práticas. Evidencia a inviabilidade do consumismo para o futuro da humanidade e do planeta. Resgata elementos fundamentais da doutrina e da espiritualidade cristãs, em diálogo com o pensar ecológico.

- A ecoteologia é sapiencial pois não visa somente o conhecimento e sim também o bem viver e a realização do projeto divino de co-existência da pessoa com Deus, com seus semelhantes e a comunidade de Vida do planeta. Estimula os cristãos e não cristãos a peregrinar neste mundo com equilíbrio, bom senso e cultivo da virtude do cuidado. Incita um caminho de santidade que não nega o mundo, mas o assume e o transforma à luz de Deus.

Raras vezes o estudante de teologia é estimulado a estabelecer relações entre aquilo que aprende especificamente na área da bíblia, da história, da

dogmática, da moral e da liturgia com outras áreas. O mesmo se diz entre teologia, espiritualidade e pastoral, que parecem casas diferentes com vizinhos que não se comunicam. Diante disso, a ecoteologia acolhe o princípio holístico e holográfico no pensar teológico. Ou seja, o todo é maior do que a soma das partes, e em cada parte se condensa algo do todo. Isso é fundamental para recuperar a unidade de teologia, que se fragmentou em áreas e disciplinas, por vezes desconectadas entre si.

O pensar ecológico é aquele das relações e da interdependência. E neste sentido, toda e qualquer teologia necessita fazer um processo de conversão para ser mais *eco-lógica*. Em vez de levantar paredes e construir cômodos independentes, ela se empenha em criar janelas, portas e corredores na qual circulam, de forma interdependente, o conhecimento de natureza conceitual, a espiritualidade, e a prática de cuidado da Casa Comum.

Considerações finais: conclusões abertas

Apresentaremos algumas conclusões em forma de tópicos.

Guattari e a ecoteologia

Guattari traz contribuições significativas para a ecoteologia. Ele desprende a ecologia do campo exclusivamente ambiental. Compreende a subjetividade também como fenômeno cultural e social, não a restringindo a uma questão individual. Critica a intensificação da sociedade do mercado, e “a produção majoritária de uma subjetividade capitalística, homogeneizadora, aplainada e fundamentalmente infantilizada, avessa à diferença” (Hur, 2015, p.426). Ele descortina o lugar da tecnologia e de seus desenvolvimentos “maquímicos e autopoieticos”, que acarretam novas modalidades de existência, de valores e espaços existenciais.

Guattari sugere uma “ecologia da mente”. Defende a simultaneidade dos aspectos pessoais e coletivos, das subjetividades e das comunidades, gestando uma “nova humanidade”. Assume a perspectiva de “fazer transitar as

ciências humanas e as ciências sociais de paradigmas científicistas para paradigmas ético-estéticos” (GUATTARI, 2006, p.21). Articula a temática da ecologia com a comunicação, a arte e a cultura. Salienta a importância da criação estética: “a arte leva ao ponto extremo uma capacidade de invenção de coordenadas mutantes, de qualidades de ser inéditas” (GUATTARI, 2006, p.135). Para a ecoteologia, tanto na sua vertente prática, quanto teórica, alerta para a importância da linguagem simbólica e da arte, como forma de produção de conhecimento e estratégia de ação.

Juntamente com Deleuze, Guattari propõe configurações sociais não hierarquizadas, como rizomas, raízes polimorfas que crescem horizontalmente, sem direção clara e definida (<https://razaoinadequada.com/2013/09/21/deleuze-rizoma/>). Ele sugere uma implosão da ordem atual, “ênfatisa a heterogeneidade e a diferença, sintetizando combinações e multiplicidades de forma a traçar estruturas rizomáticas, mais do que criando estruturas unificadas” (PONTES e TAVARES, 2014, p.57). Para Guattari, o dissenso e a multiplicidade são decisivos para a criatividade e a produção de vida. Ora, a ecoteologia valoriza a diversidade humana em suas múltiplas manifestações, mas evita a tendência “anárquica”, caótica, predominantemente desconstrutora, presente no pensamento de Guattari. Ela busca consensos e linhas comuns. Oferece uma visão de conjunto, que pretende ser a mais abrangente possível, mas não totalizadora. E apresenta uma esperança viável.

Boff e a ecoteologia

Ao lado Jürgen Moltmann, Leonardo Boff é o teólogo atual que mais desenvolveu o tema da ecologia em perspectiva multidisciplinar, com ênfase na filosofia e na teologia. Oferece assim várias chaves de leitura para a ecoteologia, tanto no campo acadêmico quanto no pastoral. Boff elabora preciosos elementos de ética ecológica. Toma de forma vigorosa e original o conceito de “cuidado”, que posteriormente será divulgado pelo Papa Francisco na *Laudato Si*. Também é visionário quanto à unidade da questão social com a ambiental. Propugna uma ecologia integral.

A partir dos escritos de Boff, a ecoteologia latino-americana não só criou raízes, como também estendeu seus ramos. Ela rompe as paredes das instituições universitárias. Deseja tocar a mente, o coração e as mãos das pessoas e das estruturas. Torna-se um saber apaixonado e comprometido com o mundo, espaço do ser humano e de todas as criaturas que constituem nosso planeta.

No pensamento de Boff acontece um fenômeno admirável. Ele não elabora sua “constelação conceitual” de ecologia sob a medida da teologia. Nem faz o contrário. Os dois saberes se fecundam mutuamente. De forma que, ao perscrutar um, amplia-se e se aprofunda a outro. Tal flexibilidade possibilita, ao mesmo tempo, respeitar os jogos linguísticos de cada saber e criar pontes hermenêuticas entre eles. A ecoteologia de Boff se mostra, em sua abordagem, linguagem e conteúdo como uma ciência da interdependência.

Outra contribuição de Boff para a (eco)teologia reside na forma como lida com a tensão permanente entre antropocentrismo e biocentrismo. Ele faz uma leitura aberta da ecologia profunda de Arne Naess. Nos seus escritos transparece um acento biocêntrico. No entanto, Boff não consente teorias radicais, que consideram todos os seres vivos com igual valor; e para combater o especismo, negam a singularidade do humano. Realiza uma síntese bem arquitetada da teoria evolutiva, da teoria da complexidade, da física quântica e de um eco-humanismo. Sustenta assim o que o ser humano é filho dos processos evolutivos da matéria, levando à eclosão da consciência reflexa. Deus está na origem e no fim desse longo caminho. O ser humano é a terra que pensa, age e ama.

Guridi e a ecoteologia latino-americana

Tomamos com uma das referências do nosso trabalho a obra “ecoteologia: hacia um nuevo estilo de vida”, do teólogo chileno Román Guridi. Ele que conseguiu realizar um trabalho bem fundamentado acerca da ecologia e da ecoteologia. Destaca-se a forma original de mostrar como a ecologia social e ambiental reportam-se a sujeitos concretos, que são interpelados a assumir “um estilo de vida ecologicamente amigável”. Sem utilizar o termo, ele apela

a uma conversão ecológica. Com relação à ecoteologia, enfatiza que ela não é simplesmente uma teologia contextual, ou uma parte da ciência da fé. A ecoteologia nos permite recuperar, reinterpretar e reconstruir elementos da Escritura e da Tradição Cristã, em diálogo com a sensibilidade ecológica contemporânea. Atualiza e revigora a fé cristã.

No entanto, seu livro parece uma versão reduzida de uma tese de doutorado, realizada em algum país de língua e cultura inglesa. A grande parte dos autores citados por ele são norte-americanos, ingleses e sul-africanos. Falta um enfoque latino-americano. Pretendemos preencher esta lacuna em trabalhos futuros. Pois somente é possível compreender a originalidade da ecoteologia latino-americana se levarmos em conta a contribuição dos movimentos socioambientais e das teologias ecofeminista, afroamericana e indígena. Consideramos neste artigo somente da interface da ecoteologia com a Teologia da Libertação.

Da ecosofia ao Bem viver

Como vimos, a categoria “ecosofia” é útil para a ecoteologia, pois ela almeja uma visão integradora das diversas facetas da ecologia. Privilegia um saber com sabor. Como afirma Boff, favorece a articulação “da razão instrumental com a razão cordial”. Ecosofia remonta ao mundo dos valores, das opções derradeiras do ser humano. Na versão de Panikkar, que aludimos brevemente, a ecosofia é a forma de realizar uma nova síntese que engloba o mundo material, o ser humano e Deus. Uma perspectiva cosmoteândrica. Mas isso não significa absolutamente abandonar a dimensão científica da ecologia, manifestada em diversas ciências ambientais. A ecoteologia realiza um diálogo simultâneo com as ciências ambientais, com a ética filosófica e as perguntas concretas que surgem das inúmeras iniciativas socioambientais no nosso continente. Além disso, se a ecoteologia desenvolve sua dimensão de sabedoria (sofia) no contexto latino-americano, ela deve “beber do próprio poço” de suas culturas originárias. Nesse sentido, a proposta do Bem Viver constitui uma forma singular de resgatar a sabedoria dos nossos povos, com o paradigma ecológico. Uma tarefa fascinante para a teologia e a pastoral!

Desejamos que o leitor(a), após ter percorrido conosco a trilha bela e sinuosa que levou a conhecer mais sobre a ecologia e sua interface com a ecoteologia, empenhe-se com atitudes pessoais e ações coletiva de cuidado da nossa Casa Comum. E, se for o caso, desbrave novos caminhos de reflexão com a ecoteologia.

Referências bibliográficas

- BOFF, L. As 4 ecologias. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2012.
- BOFF, L. As 4 Ecologias. Vídeo (2015). Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=P8Hf0TqvAJE>
- BOFF, L. Cuidar da Terra, proteger a vida. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- BOFF, L. Ecologia. Grito da Terra, grito dos pobres. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- BOFF, L. Reflexões de um velho teólogo e pensador. Petrópolis: Vozes, 2018.
- BOFF, L. Saber Cuidar. Ética humana e compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BOFF, L. Sustentabilidade. O que é - O que não é. Petrópolis: Vozes, 2012
- CONRADIE, E. Christianity and Ecological Theology. Resources for Further Research. Matieland: SunPress, 2006.
- CONRADIE, E. et al (eds). Christian Faith and the Earth: Current Paths and Emerging Horizons in Ecotheology. New York: Bloomsbury T&T Clark, 2014.
- GUATTARI, F. ¿Qué es la Ecosofía? textos apresentados e organizados por NADAUD, S. Buenos Aires: Cactus, 2015.
- GUATTARI, F. As três ecologias. Edição Eletrônica. 11ª ed., 2001. Disponível em: www.tupykurumin.wd2.ne
- GUATTARI, F. Caosmose. Um novo paradigma estético. São Paulo: editora 34, 4ª reimp. 2006
- GURIDI, R. Ecoteología: hacia un nuevo estilo de vida. Santiago: Ed. Universidad Alberto Hurtado, 2018.
- GUTIÉRREZ, G. Teologia da Libertação. Petrópolis: Vozes, 2 ed, 1976.
- HALLMAN, D.G. Ecotheology: Voices from South and North. WCC Publications, 1994.
- http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/carta_terra.pdf
- <https://razaoinadequada.com/2013/09/21/deleuze-rizoma/>

<https://razaoinadequada.com/2013/09/21/deleuze-rizoma/>

HUR, D.U. Guattari e a ecosofia in: Psicologia Política. Vol. 15. nº 33. maio-ago. 2015, p. p. 423-430.

JUNGES, J.R. Ecologia e criação. São Paulo: Loyola, 2001

LIBANIO, J.B. Teologia da Libertação. Um roteiro didático. São Paulo: Loyola, 1987.

MOLTMANN, J. Dios en la creación. Salamanca: Sígueme, 1987.

MURAD, A (org). Ecoteologia. Um mosaico. São Paulo: Paulus, 2016.

MURAD, A. “Paradigma ecológico: gestão e educação ambientais”, in SOTER (org.), Sustentabilidade da Vida e Espiritualidade, São Paulo: Paulinas, 2008, pp. 39-62.

MURAD, A. Núcleo da ecoteologia e a unidade da experiência salvífica in: Pistis & Práxis, Curitiba, v. 1, n. 2, jul./dez. 2009, p. 277-297.

NAESS, A. “Los movimientos de la ecología superficial y la ecología profunda” in: Revista Ambiente y Desarrollo de CIPMA, Santiago, 23 (1), 2007 p.98-101.

NAESS, A.; SESSIONS, G. Basic Principles of Deep Ecology (1984). Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/arne-naess-and-george-sessions-basic-principles-of-deep-ecology.lt.pdf> (versão traduzida por DINIZ ALVES, J.E disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2017/06/05/os-oito-principios-da-ecologia-profunda-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>)

PANIKKAR, R. Ecosofia. Para una espiritualidad de la tierra. Madrid: San Pablo, 1994.

PERES PRIETO, V. “Panikkar e a eterna busca pela harmonia do saber”. Entrevista IHU on line, Setembro 2010. Disponível em: [http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/18-artigo-2010/3509-raimon-panikkar-\(1918-2010\)?showall=&start=1](http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/18-artigo-2010/3509-raimon-panikkar-(1918-2010)?showall=&start=1)

PONTES, P; TAVARES, F. Ecosofia das marcas: um breve olhar sobre as três ecologias através da publicidade in: Revista Augustus. Rio de Janeiro. V.19, n.37, jan/jun 2014, p.55-66. Disponível em: http://www3.espm.br/download/Anais_Comunicon_2014/gts/gt_seis/GT06_PONTES.pdf

WHITE Jr, L. Raíces históricas de nuestra crisis ecológica in: Revista Ambiente y Desarrollo de CIPMA, Santiago, 23 (1), 2007 p. 78-86.

*Todos os acessos revistos em 10/05/2019

Trabalho submetido em 13/05/2019.

Aceito em 20/05/2019.

Afonso Murad

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Montes Claros (1981), em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1984) e doutorado em Teologia pela Pontifícia Universitas Gregoriana (1992). Concluiu especialização em Gestão e Marketing, pela Fundação Dom Cabral (2006) e Comunicação Social na Universidade São Francisco. Concluiu MBA em Gestão e Tecnologias Ambientais na USP (2010). Pós-doutor em Teologia, na PUC-RS (2016). É professor de teologia na Faculdade Jesuíta (FAJE) e no Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA), em Belo Horizonte. E-mail: amurad@marista.edu.br